

WASHINGTON NOVAES

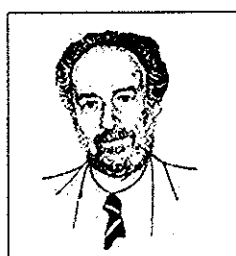
Que se fará com a água?

A julgar pelo relatório *World Water Development Report* – 600 páginas coordenadas pela Unesco, com a participação de 23 agências da ONU e outras instituições –, não parecem animadoras as perspectivas nestas vésperas do Fórum Mundial da Água, que começa segunda-feira em Kyoto, no Japão.

“Um balanço dos progressos para superar os problemas no setor da água não é muito encorajador”, diz o documento. Ele até afirma que muitos bons resultados foram conseguidos nos últimos 30 anos e outros o serão. “Mas a experiência nesse período mostra um padrão consistente de fracasso na realização dos grandes objetivos.” Mais grave ainda, cumprir o objetivo de assegurar água de boa qualidade é saneamento básico para metade dos habitantes do planeta hoje sem acesso a esses bens (1,1 bilhão sem água de boa qualidade, 2,4 bilhões sem saneamento) exigiria atender a mais de 300 mil pessoas por dia até 2015.

De fato, é meta que com quase toda a certeza não será alcançada. Embora tenha sido reiterada na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, na África do Sul, em agosto de 2002, não se conseguiu criar mecanismos financeiros que tornem viável esse objetivo. E ele é um entre muitos e graves problemas na área dos recursos hídricos.

A crise, entretanto, não é exatamente de recursos (embora eles possam ser escassos, faltar ou vir a faltar em pontos específicos): “É de gestão da água, essencialmente causada pelas formas como administramos esse recurso”, diz o documento. Que enfatiza a contribuição da “inércia no nível de lideranças” e da “falta de consciência da população para a escala do problema”. O resultado final é que, “de todas as crises sociais e naturais que o ser humano enfrenta,



A crise não é exatamente de recursos, mas de gestão, diz relatório da Unesco

a da água ocupa o centro da nossa sobrevivência e do planeta Terra”.

Talvez se deva, mais uma vez, ressaltar que a América do Sul tem a relação mais favorável entre disponibilidade de água (26% do total) e população (apenas 6% do total). Também no uso que se faz da água pode ser vantajosa

a posição dos países em desenvolvimento (82% na agricultura, 10% na indústria e 8% no uso domiciliar, enquanto nos países desenvolvidos é de 30% na agricultura, 55% na indústria e 11% nas residências; na média, são 70% na agricultura, 22% na indústria e 8% nas residências). Ao todo, o mundo dispõe de um fluxo superficial de 42,8 mil quilômetros cúbicos de água (1 km³ = 1 bilhão de litros). E os aquíferos subterrâneos armazenam mais de 500 vezes isso, mais de 20 milhões de quilômetros cúbicos.

O uso per capita está aumentando, principalmente por causa da urbanização acelerada: o mundo já se aproxima de 50% da população total vivendo em cidades (mais 160 mil pessoas por dia). Que serão 60% em menos de três décadas. Dependendo do que fazemos,

em meados deste século no mínimo 2 bilhões de pessoas em 40 países sofrerão com a escassez; mas poderão ser até 7 bilhões, afirma o relatório. Se, ao contrário, formos competentes e provermos todos os terraços de água de boa qualidade e saneamento básico, as diarreias infecciosas (principal causa de internações e mortes de crianças) se reduzirão em 70%. Em 2000, as mortes de crianças no mundo por doenças relacionadas ou agravadas por falta de saneamento chegaram a 2.213.000.

Muito terá de ser corrigido. Não poderemos continuar despejando nos cursos d'água mais de 2 milhões de toneladas diárias de lixo (doméstico, industrial, químico, rural). Só os esgotos humanos são 1.500 km³/dia. E, como um litro polui mais sete, são 12 mil km³ diários poluídos.

Mudanças climáticas agravarão o problema. Regiões tropicais ou subtropicais (como aquelas em que vivemos) poderão ter menos chuvas, mais erráticas. Os fluxos de água na estiagem poderão reduzir-se e a qualidade da água, piorar.

Entre 1991 e 2000, o número de pessoas afetadas por desastres “naturais” (inundações, deslizamentos, tufões) subiu de 147 milhões anuais para 219 milhões. Nada menos que 665 mil pessoas morreram na década em 2.257 desastres, 90% dos quais relacionados com

água. As perdas, que foram de US\$ 30 bilhões em 1990, chegaram a US\$ 70 bilhões em 1999. Mas admite o relatório que podem ser até o dobro. E 97% deles aconteceram no chamado mundo em desenvolvimento.

Uma das razões centrais para maiores conflitos pela água está na construção de grandes hidrelétricas, pois 2 bilhões de pessoas ainda não dispõem de energia elétrica – 60% dos maiores rios do mundo já têm seu curso interrompido por barragens.

Outra área em que eles devem crescer é a agropecuária, já que se prevê um aumento de 20% das áreas irrigadas até 2030. Produzir um quilo de cereais exige em média 1.500 litros de água; um quilo de carne bovina, 10 mil litros; de carne de porco, 6 mil litros; de batatas, mil litros. Talvez, diz o relatório, seja preciso separar direito de propriedade/uso da terra e direito de uso da água – de forma a garantir o acesso de todos.

É uma entre muitas recomendações. Que incluem uma mudança radical na forma como a água é gerida por governos e instituições frágeis, fragmentados por setores que competem entre eles (em lugar de cooperarem); nas regulamentações inadequadas e, ainda assim, pouco ou mal aplicadas; na prevalência de interesses particulares sobre os gerais; no desvio de recursos públicos; no licenciamento precário e em muito mais.

Seria preciso, então, recomendar o relatório, assegurar a participação da sociedade nas decisões, transparência no processo decisório, equidade, responsabilidade, coerência, integração, ética, prevalência dos direitos dos mais pobres.

É muito inquietador o relatório. Mas não resta alternativa que não a de tomarmos juízo, seguirmos esses caminhos e construirmos um futuro viável para o meio ambiente e as pessoas. Afinal, temos, todos – ou queremos ter –, filhos, netos, bisnetos. E seria muito triste pensar neles mergulhados no quadro que o relatório hoje descreve.

■ Washington Novaes é jornalista
E-mail: wlrnovaes@uol.com.br

